



DOM FRANCISCO MANUEL VIEIRA (In memoriam)

Dom Francisco Manuel Vieira, ou, simplesmente, Dom Vieira, nasceu em Rio Tinto, pequena cidade do distrito do Porto (Portugal). Coursou o Seminário Menor de Pirapora, de onde foi para o Seminário Central do Ipiranga estudar Filosofia e Teologia, e se ordenou presbítero em 1952. Sua ordenação episcopal foi em 1975, tendo como lema *In Virtute Dei* (Pela Força de Deus).

Uma vez ordenado presbítero, foi nomeado professor no Seminário Arquidiocesano de São Roque. Em seguida, foi ecônomo e professor do Seminário Arquidiocesano de Aparecida, que tinha sido desmembrado do Seminário de São Roque.

Após alguns anos de docência, sua trajetória de presbítero registrou ainda as seguintes responsabilidades: pároco da igreja de São Pedro (bairro paulistano da Vila Oratório), coordenador da Pastoral Vocacional da Região Leste, Vigário Episcopal da Região Belém e coordenador da Pastoral Familiar da Arquidiocese de São Paulo.

Assumindo o episcopado, foi Bispo Auxiliar da Arquidiocese para a Região Episcopal de Osasco, Procurador da Mitra Arquidiocesana e também Presidente da Comissão Regional de Presbíteros.

No ano de 1989, quando a Região Episcopal de Osasco foi desmembrada da Arquidiocese de São Paulo, Dom Vieira passou a ser o bispo dessa nova diocese.

No ano de 2002 renunciou ao múnus episcopal, seguindo as diretrizes do Código de Direito Canônico e ficou sendo Bispo Emérito da Diocese de Osasco.

Dom Francisco Manuel Vieira, nosso antigo e saudoso professor, faleceu no dia 23 de dezembro de 2013. Estava com 88 anos de idade.



ECHUS DO IBATÉ, na pessoa do colega PAULO FRANCISCO DA COSTA AGUIAR TOSCHI (49/53) esteve presente nos funerais de Dom Francisco Manuel Vieira.

Ele nos enviou a seguinte mensagem: “Dom Francisco Manuel Vieira, foi Bispo Auxiliar de São Paulo, tendo respondido pela Região de Osasco, antes do desmembramento da Arquidiocese. Tivemos a oportunidade de transmitir à irmã de Dom Vieira, a Dona Rosária, bem como a dois sobrinhos, os pêsames, em nome dos alunos do Seminário de São Roque. A cerimônia foi das mais expressivas que já tínhamos assistido, com a presença de dois Cardeais, vários Bispos, todo o Clero de Osasco e Padres de outras Dioceses. Cânticos muito bem escolhidos deram ao ambiente um clima

solene de religiosidade. No momento da Comunhão, os fiéis foram servidos pelos Cardeais Dom Odilo e Dom Cláudio e pelos outros Bispos celebrantes. Catedral lotada, com a presença, inclusive, de várias autoridades locais. O sepultamento deu-se na cripta da Catedral, que ainda está em construção, mas, como disse o Bispo de Osasco, Don Ercilio Turco: “nós arrumamos um cantinho especial para ele”. A missa foi de corpo presente, sendo o féretro sido levado em cortejo, nos ombros, por seminaristas da Diocese. Dom Francisco, que sempre dispensou especial atenção à Turma do Ibaté, recebeu a nossa homenagem”.



Descanse em Paz!

Dom Francisco Manuel Vieira

★ 1925 † 2013



Paulo Oliveira Leite Gonçalves*



Seminário Central do Ipiranga

Será dia de São José, como em todos os anos. Esta, porém, será uma data com especial sentido para todas as gerações que estudaram no Seminário Central da Imaculada Conceição do Ipiranga.

Permitam que faça um breve retrospecto de sua história.

Quando da Proclamação da República, o Estado tornou-se leigo. Acabou-se a Religião oficial. Com isto, acabaram-se as prebendas e o apoio incondicional do Estado.

Pouco depois, o Episcopado Brasileiro promulga uma Pastoral Coletiva que começava assim: “O Trono caiu; e o Altar?” Era uma clara alusão à teoria Augustiniana sobre a constituição da Cidade de Deus e a Cidade dos Homens.

Nos tempos do Brasil colônia, Portugal proibiu expressamente a criação de escolas de nível superior. Conta o escritor Inglês de Souza que, após a revolução francesa, se alguma pessoa fosse encontrada trazendo qualquer referência escrita aludindo à revolução deveria ser morto de imediato. Os fidalgos que quisessem dar estudos acadêmicos a seus filhos deveriam mandá-los a Coimbra e coisa semelhante ocorria com os estudos eclesiásticos. De imediato os bispos se preocupam com a criação de seminários. Em São Paulo D. Duarte Leopoldo e Silva não segue a ideia de seu antecessor, D. Lino Deodato Ferreira de Carvalho, o qual na última década do sec. XIX quase deixou acabada a construção do grande seminário, na cidade de Aparecida, inaugurando no Centro da cidade, à av. Ipiranga, o seminário maior da então diocese de São Paulo. Em 1908 D. Duarte é promovido como Arcebispo da Arquidiocese de São Paulo. A cidade cresce e em breve a tranquilidade do local é prejudicada pelo bulício e alarido da cidade. Eis que o mesmo Arcebispo transfere o seminário para local mais distante e tranquilo: o seminário de Vila Albertina, na Freguesia do Ó, que, então era conhecida como “Bairro do Mané Preto”.

Aquele seminário teve Mestres de elevado valor intelectual e cultural: Mons. Maximiliano Leite, Pe. João Gualberto do Amaral, Pe. Antônio Siqueira, Pe. José Gaspar de Afonseca e Silva, Pe. Paulo de Tarso Campos, que se tornou o primeiro Reitor do Seminário do Ipiranga e Pe. Antônio Alves de Siqueira, Diretor Espiritual.

Podemos imaginar que bem poucas dioceses do Brasil

tinham condições de manter um seminário para estudos de Filosofia e de Teologia com professores de bom nível.

Conhecedor destes detalhes, o Papa Pio XI (Il Papa Maschio, como era conhecido) ordenou que cada arquidiocese tivesse um Seminário Central para a formação do futuro clero daquela mesma região. Além disto, as Dioceses mandariam sacerdotes de alto nível cultural para integrarem o corpo docente da instituição.

Dando cumprimento à ordem papal, D. Duarte fez construir no bairro do Ipiranga, em terreno doado em Comodato pela família do Comendador Vicente de Azevedo um novo e grande estabelecimento que receberia o nome de: Seminário Central da Imaculada Conceição do Ipiranga. A transferência de Vila Albertina para a nova instituição ocorreu em 19 de março de 1934, sendo confiados os seus destinos a São José. Daí, o costume de os seminaristas passarem várias vezes por dia diante da imagem de São José que ainda se encontra no corredor transversal, fazendo-lhe uma visita e uma prece.

A imagem de Nossa Senhora da Conceição que se encontra em destaque na Capela do Seminário foi doada pelo próprio papa Pio XI.

Grandes mestres de saber filosófico e teológico passaram por aquelas salas ministrando aulas. Por outro lado, gerações e gerações de padres ali se formaram, inúmeros bispos e arcebispos e até o Cardeal D. Geraldo Majela Agnelo que foi aluno, professor, diretor espiritual, diretor da Faculdade de Teologia fundada em 1950 pelo Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, o qual fez inaugurar em 1955 a nova e grande Capela do Seminário. Aliás, em março daquele ano, em um dos dias de Retiro Espiritual, com a pregação de D. Antônio Siqueira, este dizia: “O Seminário completa sua maioridade. Há 21 anos era ele inaugurado aqui”.

Penso que esta informação passou despercebida para muitos. Agora, no próximo dia de São José, 2014, o seminário completa 80 anos de sua inauguração. Parece-me ser uma data propícia para que seus ex-alunos e antigos mestres se reúnam para uma bela e grande celebração da referida data, com um programa especial, não podendo faltar o canto, por toda a assembleia, do “Te Deum laudamus”, possivelmente em canto gregoriano conhecido pela maioria e assim então, todos poderemos cantar e agradecer, do fundo do coração, tantos dons, tantas graças, tantos conhecimentos que o Pai Celeste nos propiciou através deste seminário.

Ao querer encerrar estas lembranças, ocorrem-me à mente a primeira estrofe de um poema escrito sobre o Seminário Central pelo então seminarista Roberto Roxo:

Lá no Ipiranga cheio de lembranças
Sobre a colina verde de esperanças
Na terra existe um céu
Meu seminário branco sobre o monte
Como se Deus pusesse sobre a fronte
Da Pátria um solidéu.

(*) Paulo Oliveira Leite Gonçalves, 76 (49/54) é licenciado em Filosofia e Teologia, é Bacharel em Direito, Doutor em História Antiga (USP), Tradutor Público no Estado de Goiás, de Francês e Italiano, sendo Professor aposentado da Universidade Federal de Goiás. oliveiratradutor@gmail.com

RECORDAÇÕES DA CASA ANTIGA



Letterio Santoro*

Inspirado talvez por romance de Dostoievski e por conto de Machado de Assis, espero ainda um dia, com textos escritos ao longo da vida, organizar e publicar com o título de RECORDAÇÕES DA CASA ANTIGA um livro sobre os Seminários por onde passei onze felizes anos de minha adolescência e juventude, especialmente o do Ibaté.

Já existe, é verdade, o indispensável PALAVRA DE SEMINARISTA, de autoria de Paulo Toschi, que, entre outros, mereceu alguns comentários meus, publicados no informativo Echus do Ibaté. Aliás, sou de opinião que o livro de Toschi seja disponibilizado aos leitores, capítulo a capítulo, nas páginas de nosso Boletim, além de continuar como e-book na internet. Talvez sua leitura espaçada acabe produzindo mais comentários do que tem merecido. Fica a sugestão para a equipe organizadora.

O nome citado de minha obra é antigo em meus rascunhos e referia-se a um sonhado romance ou conto cujos personagens seriam extraídos das centenas de companheiros com os quais convivemos, e dos cenários bucólicos que nos eram tão familiares. Mas há muito tempo percebi que não tenho fôlego para tanto. Outros colegas do Ibaté talvez já o tenham até escrito, e o escondem, sabe-se lá. Afinal outros escritores nacionais escreveram romances inspirados em outros Seminários.

No entanto, o título - RECORDAÇÕES DA CASA ANTIGA - não me sai da cabeça, e um dia enfeixará um conjunto de artigos, crônicas e pequenos textos, escritos nas páginas de meus Diários, de 1959 aos dias atuais, sobre aspectos, vivências e lembranças do tempo de internato. Abundam textos sobre a experiência do colégio do Ibaté, mas há também outros sobre os dias de Aparecida, e sobre o tempo de Pio Brasileiro.

Algumas crônicas minhas sobre o Seminário de São Roque inclusive já foram dadas à luz, esporadicamente nas edições bimestrais de nosso sempre aguardado e nunca satisfatório Echus do Ibaté. Uma delas, a singela GRIPE ASIÁTICA, provocou polêmica e encarte especializado de nosso ibateano irmão Tomaz Toledo, que ultimamente nos priva de seus inteligentes escritos. Que é de você, Tomaz Toledo?

Como os alunos do Ibaté, espalhados por São Paulo, pelo Brasil e pelo mundo, contam todos com boa memória, e muitos com boa escrita, sendo alguns Mestres e Doutores em Letras, ouse pedir-lhes, antes que desapareçamos no silêncio da morte, que colaborem, com textos para o Informativo, sobre a História, sobre a Literatura, sobre a Pedagogia, sobre os Superiores de nosso Seminário Menor.

Sei de alguns que escrevem ou escreveram Diários. Outros foram cronistas, enquanto Prefeitos, relatando os acontecimentos maiores do Seminário. Concentremos, enquanto é tempo, concentremos nas páginas do Echus todas as recordações, todas as considerações, todas as conclusões escondidas em nossos corações. Façamos de nosso Boletim, agora em sua fase exclusivamente eletrônica, uma espécie de RECORDAÇÕES DA CASA ANTIGA coletivo, de onde algum pesquisador mais ousado consiga um dia extrair uma fundamental História do Seminário do Ibaté.

Já se passaram mais de vinte anos de publicação ininterrupta deste Echus do Ibaté, onde está gravada para sempre uma parte de nossa História, a parte referente ao tempo posterior à existência do Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria (1949-1973). É um feito heroico, só possível graças ao empenho de um grupo comandado pelo companheiro Wilson Mosca, aos quais somos eternamente gratos.

Atualmente, com a edição eletrônica, parece que o boletim nos escapa das mãos, mas, na verdade, nos enche ainda mais os olhos, e não apenas com as lágrimas da saudade, mas principalmente com o ofuscação das ideias que nos levem a viver com mais alegria os sempre poucos dias que nos restam.

No último XI Encontro percebi que o número de ex-alunos presentes vem decrescendo em relação aos primeiros, mais frequentados. Por que será que diminui o número, se aumentam as famílias? Há por certo mil razões, compreensíveis e incompreensíveis, e cada qual tem a sua. Vamos sumindo até em função da idade, por mais esforço que façamos. Mas o informativo talvez seja a grande oportunidade de nos encontrarmos com mais tempo, com mais emoção, com mais paixão do que nos Encontros bienais.

Nos Encontros bienais mal e mal nos vemos, nos abraçamos, conversamos pouco entre nós, e mais só com alguns, e temos de voltar logo. Nos encontros bimestrais através do Echus do Ibaté, não, a gente se senta, lê à vontade, convive com os companheiros, não tem pressa, as ideias fervilham, as amizades se estreitam. E através de suas páginas vamos registrando a nossa história: de hoje e de ontem.

Continuo com o propósito de ordenar meus escritos para compor e editar, num tempo próximo, o meu livro RECORDAÇÕES DA CASA ANTIGA, impressões pessoais sobre os onze anos de vida em casas de formação para o Sacerdócio por onde vivi. Mas convém colaborar também, com o registro de opiniões, impressões e lembranças, para que nosso boletim Echus do Ibaté se torne um esboço da possível História do Seminário do Ibaté. Que cada ibateano seja um protagonista dessa história! Passada, sim, mas sempre viva e vivificante.

(*) Letterio Santoro, 74 (55/59) Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça), autor, entre outras obras, dos livros ANTOLOGIA POÉTICA, O EU HERÓI e de poemas MOMENTOS (poemas da infância e de adolescência).

EXPRESSÕES E DITOS POPULARES



Joel Hirenaldo Barbieri*

Ainda recentemente, a revista Ler & Cia. editada no Paraná publicou matéria contendo algumas expressões e ditos populares, logicamente fruto de pesquisas que, pelo interesse que possam despertar, entendo oportuna a sua transcrição.

São expressões e ditos que sempre estiveram na boca do povo. Atravessaram os séculos em diversas culturas, sendo transmitidos de geração em geração. Na ausência de vocabulário propício, as pessoas recorrem a tais expressões que, por si só, constituem uma parte importante de cada cultura.

Em que pese a facilidade de se pesquisar estas expressões e ditos populares na internet, mas como nem todos dispõem deste recurso, destacamos algumas:

CONTO DO VIGÁRIO - Duas igrejas de Ouro Preto receberam uma imagem de santa como presente. Para decidir qual das duas ficaria com a escultura, os vigários contariam com a ajuda de Deus, ou melhor, de um burro. O negócio era o seguinte: colocaram o burro entre as duas paróquias e o animal teria que caminhar até uma delas. A escolhida pelo quadrúpede ficaria com a santa. E foi isso que aconteceu só que, mais tarde, descobriram que um dos vigários havia treinado o burro. Desse modo, conto do vigário passou a ser sinônimo de falcatura e malandragem.

VÁ SE QUEIXAR AO BISPO - É uma expressão que tem origem na época do Brasil colonial. Dada a necessidade de povoar as novas terras, a fertilidade na mulher era um predicado fundamental. Em função disso, elas eram autorizadas pela Igreja a ter relações sexuais antes do casamento, única maneira de o noivo verificar se elas eram realmente férteis. Acontece que muitos noivos fugiam depois do “negócio feito”. As mulheres, então, iam se queixar ao bispo que mandava homens atrás do fujão. E, de fato, não adiantava nada. Daí a expressão significar: não adianta nada reclamar.

TIRAR O CAVALO DA CHUVA - O cavalo era o meio de locomoção mais prático até a popularização do trem, no século dezenove. Ao chegar a alguma casa, o lugar onde o animal era amarrado indicava a intenção do visitante. Se amarrasse o cavalo à frente do cômodo, era sinal de permanência breve. Já se levava para um lugar protegido da chuva e do sol, a visita ia demorar. Contudo, o convidado só poderia colocar o animal protegido da chuva se o anfitrião percebesse que a visita estava boa e dissesse: “pode tirar o cavalo da chuva”. Depois disso, a expressão passou a significar a desistência de alguma coisa.

CHEGAR DE MÃOS ABANANDO - Há muito tempo aqui no Brasil, era comum exigir que os imigrantes que chegassem para trabalhar nas terras trouxessem suas próprias ferramentas. Caso viessem de mãos vazias, era sinal de que não estavam dispostos ao trabalho. Portanto, chegar de mãos abanando é não carregar nada.

SEM EIRA NEM BEIRA - Os telhados de antigamente possuíam eira e beira, detalhes que conferiam status ao dono do imóvel. Possuir eira e beira era sinal de riqueza e de cultura. Não ter eira nem beira significa que a pessoa é pobre, está sem grana.

NEM QUE A VACA TUSSA - Diz-se que a vaca baba porque não pode tossir. Isto significa que, nem que ela aprenda a tossir, o fato não se realizará. É uma expressão do campo que não retrata o significado real nos dias atuais, porque dificulta até o entendimento para quem não tem intimidade com as coisas do campo.

FICAR A VER NAVIOS - Dom Sebastião, rei de Portugal, havia morrido na batalha de Alcácer-Quibir, mas seu corpo nunca foi encontrado. Por esse motivo o povo português se recusava a acreditar na morte do monarca. Era comum as pessoas visitarem o Alto de Santa Catarina, em Lisboa, para esperar pelo rei. Como ele não voltou, o povo ficava a ver navios.

ONDE JUDAS PERDEU AS BOTAS - Existe uma história não comprovada, de que após trair Jesus, Judas enforcou-se em uma árvore sem nada nos pés, já que havia posto o dinheiro que ganhou por entregar Jesus dentro de suas botas. Quando os soldados viram que Judas estava sem as botas, saíram em busca das mesmas e do dinheiro da traição. Nunca ninguém ficou sabendo se acharam as botas de Judas. A partir daí surgiu a expressão usada para designar um lugar distante, desconhecido e inacessível.

DAR COM OS BURROS N’AGUA - A expressão surgiu no período do Brasil colonial, onde tropeiros que escoavam a produção de ouro, cacau e café precisavam ir da região Sul à região Sudeste sobre burros e mulas. O fato era que muitas vezes esses burros, devido à falta de estradas adequadas, passavam por caminhos muito difíceis e regiões alagadas, onde os burros morriam afogados. Daí em diante o termo passou a ser usado para se referir a alguém que faz um grande esforço para conseguir algum feito e não consegue ter sucesso naquilo.

PARA INGLÊS VER - A expressão surgiu por volta de 1830, quando a Inglaterra exigiu que o Brasil aprovasse leis que impedissem o tráfico de escravos. No entanto, todos sabiam que essas leis não seriam cumpridas. Essas leis eram criadas apenas pra inglês ver. Daí surgiu a expressão.

OK - A expressão inglesa “OK” (okay), que é mundialmente conhecida para significar algo que está tudo bem, pode ter diversas origens etimológicas possíveis. A mais citada é a origem norte-americana. Teve sua origem na Guerra de Secessão, nos EUA. Durante a guerra, quando os soldados voltavam para as bases sem nenhuma morte entre a tropa, escreviam numa placa “O killed” (nenhum morto), expressando sua grande satisfação. Daí surgiu o termo “OK”.

QUEM NÃO TEM CÃO, CAÇA COM GATO - Na verdade, a expressão, com o passar dos anos, se adulterou. Inicialmente se dizia: quem não tem cão, caça como gato, ou seja, se esgueirando, astutamente, traiçoeiramente, como fazem os gatos.

NÃO ENTENDO PATAVINA - Os portugueses encontravam uma enorme dificuldade de entender o que falavam os frades italianos patavinos, originários de Pádua ou Padova. Assim, não entender patavina significa não entender nada.

JURAR DE PÉS JUNTOS - A expressão surgiu através das torturas executadas pela Santa Inquisição, nas quais o

acusado de heresias tinha as mãos e os pés amarrados (juntos) e era torturado para dizer nada além da verdade. Até hoje o termo é usado para expressar a veracidade de algo que uma pessoa diz.

DEIXAR DE NHENNHENHEN - A expressão tem origem tupi. Do ponto de vista etimológico, consiste num aportuguesamento dos verbos tupis: *nhe'eng* (falar) e *nheéng* (insistir, teimar). Quando os portugueses chegaram ao Brasil, os indígenas não entendiam aquela falação estranha e diziam que os portugueses ficavam a dizer *nhenhennhen*.

MOTORISTA BARBEIRO - No século XIX, os barbeiros faziam

não somente os serviços de corte de cabelo e barba, mas também tiravam dentes, cortavam calos, etc e por não serem profissionais, os seus serviços mal feitos geravam marcas. A partir daí, desde o século XV, todo serviço mal feito era atribuído ao barbeiro pela expressão coisa de barbeiro. Este termo veio de Portugal, contudo a associação de motorista barbeiro, ou seja, um mau motorista, é tipicamente brasileira.

BAFO DE ONÇA - A onça é animal carnívoro e lambuza-se na hora de comer a caça. Por isso fede muito e a sua presença é detectada à distância. Daí o significado da expressão: hálito fétido.

(*) Joel Hirenaldo Barbieri, 76 (51/58), licenciado em Letras e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Aposentado no cargo de Diretor da Câmara Municipal de Taubaté. Escritor e Poeta. Membro da Academia Taubateana de Letras.

PREMONSTRATENSES SE AFASTAM DE PIRAPORA



Antonio Jurandyr Amadi*



Seminário de Pirapora

No dia oito de janeiro passado, por solicitação de um amigo morador de Pirapora, participei da última missa de um cônego Premonstratense, professor e reitor do antigo Seminário de Pirapora. Uma cerimônia simples, sem pompa e circunstância. No dia seguinte (9/1) a Ordem Premonstratense se retirava definitivamente dali, depois de quase 117 anos de serviços prestados a várias Arquidioceses e Dioceses, na formação de seminaristas. Em meio a uma diminuta quinzena de fiéis que nada disso sabiam, era eu o único ex-aluno jurássico ali presente. Representando a todos os colegas ausentes, senti-me na obrigação de dirigir ao celebrante, antes da bênção final, as seguintes palavras:

Prezado Cônego Godofredo Chantrain,

No momento em que a Ordem Premonstratense deixa o Santuário e o Seminário de Pirapora após quase 117 anos de serviços prestados na formação de tantos ex-alunos e no conforto espiritual daqueles que buscavam o Senhor Bom Jesus, quero -perdoe-me a emoção-, em nome de todos os ex-alunos, apresentar o mais profundo agradecimento:

À Ordem Premonstratense,
À Abadia de Averbode, nas pessoas dos saudosos Abades D.Gummaro Crets, D.Emmanuel Gisquière, D.Conrado Stappers e D.Udalrico Geniets,

À Abadia de Jaú, nas pessoas dos Abades Eméritos D.Bonifácio Hartmann e D.Sergio van der Heiden,

A todos os saudosos cônegos-mestres e irmãos leigos que ali dedicaram suas vidas na formação de tantos,

Ao senhor, Cônego Godofredo, pelos vinte e seis anos de convivência e amizade. Que Deus lhe dê saúde, paz e o conforto nessa retirada após 62 anos de serviço que, tenho certeza, sangra-lhe o coração.

Peço humildemente perdão pelas injustiças cometidas por iconoclastas de plantão. Faço-o por aqueles que já não podem fazê-lo e por aqueles aos quais falta a coragem e a hombridade da atitude.

Apagadas as luzes e fechadas as portas do saudoso Seminário, fica ali minha saudade, minha lágrima e meu agradecimento.

Até de repente, Cônego, no lugar que a Deus prouver. Meu abraço e meu adeus.



Santuário Bom Jesus de Pirapora

(*) Antonio Jurandyr Amadi, 77 (51/57), também ex-aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é engenheiro, pesquisador, escritor, poeta e tradutor de grego e latim.

MORRER DE AMOR

Não é verdade o que disseram que ele se suicidou. Houve vestígios, evidências claras, intransigências legais que provam o contrário.

Naquele dia, ele se levantou cedo, caprichou na higiene, perfumou-se, vestiu a melhor vestimenta e partiu feliz, para a Rodoviária, a espera da amada.

Chegou com antecedência. Sentou-se no banco e aguardou. Todos os rostos que desciam do ônibus, ele via a sombra do rosto da amada. Mas quando fixava melhor o olhar, não era a esperada. Horas a fio, ficou ali sentado na expectativa da chegada. Gentes silenciosas ou barulhentas, apressadas ou sossegadas, encontrando amizades e abraços, indo e vindo, desaparecendo e nada de ela aparecer.

A canseira do corpo reclamava descanso. A cabeça girava fixa na chegada que não acontecia. Derreou o corpo sobre o banco. Os olhos não resistiram o tempo e começaram a se fechar. O guarda sisudo passou e falou de viva voz: “Não pode deitar nos bancos”.

Assustado, despertado do cochilo, arrancado dos sonhos, será que nesse lapso de tempo adormecido ela passou e ele não viu? Endireitou-se, respirou fundo e continuou a espera. Mas o físico já não ajudava, exauridas as forças, tombou no banco, adormecido pelo cansaço. Foi severamente advertido novamente pelo guarda que não entendia: “Saia daqui. Vá embora. Aqui não pode ficar mais”.

Mas ir para onde se sua amada não chegara? Como entrar em casa sem amor? O amor só existe quando há dois e é correspondido. Do contrário, há apenas a dor da procura, o desespero do tempo, o vazio da vida. Ir para onde?

Levantou-se fraco, cambaleando. Agarrou-se ao banco, depois às paredes e saiu para a rua, equilibrando-se nas beiradas dos prédios.

Passou um homem sem educação, descascando uma banana. Jogou a casca bem por onde ele passava.

Pisou na casca, desequilibrou-se, impulsionado pela parede na desesperada tentativa de se agarrar a qualquer coisa, foi arremessado a contragosto para o meio da rua, por onde passam os carros. Um passou bem em cima de sua cabeça. Morreu de amor.



Euclides Albino dos Santos*

(*) Euclides Albino dos Santos, 76 (53/59) é poeta, escritor e professor de Língua Portuguesa em Rancharia-SP

SEM ADEUS

O meneio do corpo, em passos lentos, denotava a idade avançada, um ancião. Por mais que se esforçasse não atingiria a lepidéz dos tempos da juventude. Mesmo assim, carregava na face um sorriso largo e o brilho da mente, entre as rugas que o tempo marcou. Parou diante de uma porta. Forçou a maçaneta. Abriu-a. Penetrou sorrateiramente na ante sala. Antes que andasse para frente, foi interceptado.

-Que deseja?

-Quero falar com meu filho.

-Espere. Ele está ocupado. Vou ver se ele o atende.

Nem o convidou a sentar. Mesmo assim, o velho deixou-se cair exausto sobre uma cadeira, na espera do acolhimento. Pensou longamente. Aquele por quem sacrifiquei toda minha vida, para quem não tinha sono ou cansaço, em altas madrugadas, corria para o hospital e cancelava todos os meus compromissos para satisfazê-lo, ficar junto dele, brincar com ele, viver a vida dele, este, hoje, faz-me esperar como se eu fosse um estranho qualquer, dedicando a mim, apenas as sobras do tempo.

Arrancando-o de seus devaneios, ouviu a voz que voltava: - Desculpe, ele está muito ocupado. Não o pode atender. Volte outra hora.

Ele entendeu o recado. Estava atrapalhando.

Precisava aprender a viver sem sentimentos, sem ajuda, sem atenções. Baixou os olhos sem alegria. Levantou-se com dificuldade. Arrastou-se lentamente para fora, para a rua, envolto em recordações: Quando meu filho estava com febre alta e vômitos constantes, dentro da noite, e eu muito cansado do trabalho do dia, não o tivesse lavado ao pronto socorro, talvez hoje, ele não existiria, não me diria estou muito ocupado, não posso atendê-lo. Ou então, naquele dia em que tanto queria ir à praia, eu não tivesse faltado ao trabalho, cancelado meus compromissos, para levá-lo a se divertir. Talvez, hoje, ele não me diria não tenho tempo, pois, saberia quanto dói a dor da rejeição, da indiferença. Sinto-me rejeitado por aquele que amei, alimentei, criei, dei o melhor de mim.

Um sentimento dorido foi invadindo-o por dentro, apertando o peito. Fluiu de seus olhos uma lágrima. Desmaiou por falta de amor. Acharam-no na rua como mendigo. Levaram ao pronto-socorro. Lá, identificaram o filho.

Este, ao receber o telefonema, correu ao hospital. Era tarde, muito tarde. O pai não tinha mais tempo de dizer adeus. Partiu sem se despedir.

NA CASA DO PAI

Faleceu no dia 23.12.2013 DOM FRANCISCO MANUEL VIEIRA, aos 88 anos. Foi nosso professor na década de 50 e era Bispo Emérito de Osasco. (vide matéria na página 01).

Photantiqua

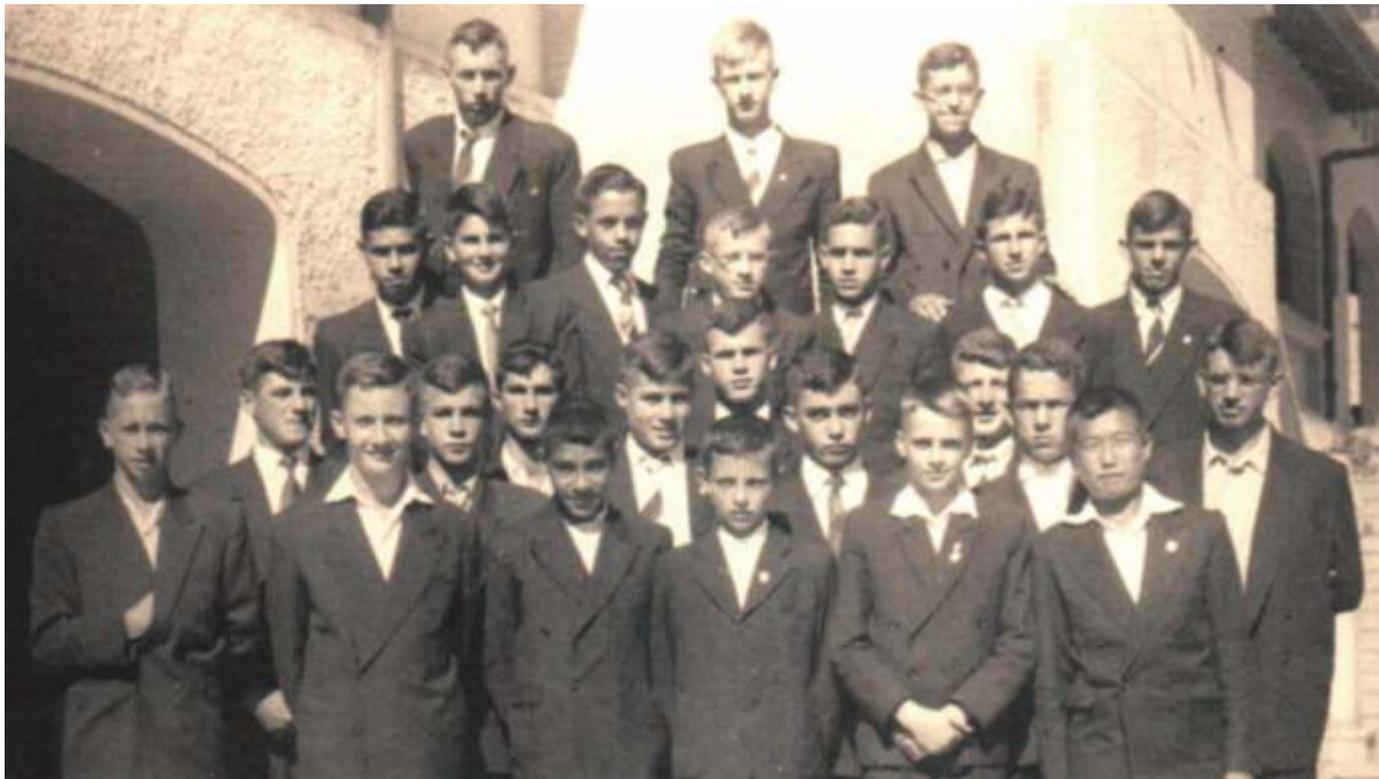


Foto cedida por ATTILIO BRUNACCI (49/55) e mostra turma de alunos do ano de 1952 a 1954. Em cima: ANTONIO DE LIMA, LUIZ DUFNER NETO e OSCAR PRANDINI. No meio (1): SYNÉSIO BARBOSA DE MELLO, CARLOS ERENESTO DE CAMPOS BOLLINI, DAVID DE MORAES, JOÃO FORNAZIERI, PAULO SEBASTIÃO RIBEIRO, ARY JOLY e JOAQUIM BARBOSA DE OLIVEIRA. No meio (2): DANIEL CHAGAS, HOLIEN GONÇALVES BEZERRA, EDSON BENTO MANCINI, ATTILIO BRUNACCI, EDMUNDO DA MATTA, PAULO FRANCISCO DA COSTA AGUIAR TOSCHI, WALDEMAR CALDIN, ROBERTO DAVINI e SERGIO ALEXANDRE FIORAVANTE. Na frente: AFFONSO DE ROGATIS, OSWALDO GIUNTINI, JOÃO BATISTA DOS SANTOS, JOSÉ MARIA GARCIA GERMANO, MARCOS TARCISO MASETTO e ROQUE KOMATSU.

Para-choque do Caminhão do Ubaté

**Malandro é o
CAVALO-MARINHO,
que se faz passar por
peixe para não puxar carroça!**



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

PARÓQUIA DAS TROVAS

TEMA: ANO NOVO

Ano Novo é vida nova,
de real mudança em mim
e o futuro será a prova
de meu gesto sério enfim!

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

Ano Novo uma esperança:
vai ser bom, vai ser melhor;
vale a pena ter confiança,
nunca esperar o pior.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)



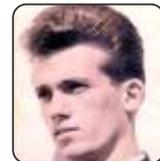
Ano Novo, vida nova
viver é ter esperança.
A fé em Deus nos renova
nos traz amor e esperança.

Alfredo Barbieri (49/53)

Envie-nos você também a sua trova.
Tema para o próximo ECHUS: FORTUNA

CASO EDIFICANTE

Palavras de sabedoria



José Lui*

A Madre Superiora de uma congregação irlandesa, com seus 98 anos, estava em seu leito de morte. As monginhas a rodeavam tentando tornar cômoda sua última viagem.

Deram-lhe leite quentinho, bebeu um gole e não quis mais.

Uma monginha levou à cozinha o copo de leite. Nesse momento recordou que havia na dispensa uma garrafa de whisky irlandês que lhes haviam dado para o Natal e pôs uma boa dose no leite.

Voltou ao leito da superiora e aproximou o copo à sua boca.

A superiora bebeu um golinho, depois outro e antes que se dessem conta, tomou o leite até a última gota.

As monginhas então lhe perguntaram:

- Madre, dê-nos uma última palavra de sabedoria antes de morrer!

Com um último esforço, levantou-se um pouco e lhes disse:

-Por favor, não vendam essa vaca!

(*)José Lui, 76 (49/56)- Filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978. rubrolui@hotmail.com

FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

CONVITE

CELEBRAR A PÁSCOA E COMEMORAR O “DIA DAS MÃES”



SIDNEY BARONE COM JOSÉ MARIA PINHEIRO



Igreja Divino Salvador

Padre Sidney José Barone convida a Família Ibateana para um encontro em sua paróquia para comemorar a Páscoa e celebrar o “Dia das Mães”.

Padre Barone estudou no Ibaté em 1959. É primo em “dose dupla” (por parte de pai e de mãe...) do colega Clóvis Baroni (1953-1958). Em Dezembro de 2013 completou 35 anos de sacerdócio. Está à frente dessa paróquia há 31 anos.

ANOTE NA SUA AGENDA:

Dia e hora:

10 de maio de 2014, às 17 hs.

Local: Igreja Divino Salvador

Endereço:

Rua Casa do Ator, 450 (Vila Olímpia),
altura do nº 2.000 da Av. Santo Amaro.

Tel.(11) 3841.9504

Obs.: Estacionamento no pátio da igreja

| FLUXO FINANCEIRO – Posição até 31.01.2014 | |
|---|-----------|
| POSIÇÃO EM 30.11.2013 | 12.044,88 |
| ENTRADAS | |
| Contribuições e doações | 554,42 |
| Juros | 106,37 |
| TOTAL ENTRADAS | 660,79 |
| SAÍDAS | |
| Diagramação Echus 129 | 250,00 |
| Renovação Caixa Postal | 70,00 |
| Despesas Bancárias | 35,35 |
| TOTAL SAÍDAS | 355,35 |
| SALDO ATUAL 31.01.2014 | 12.350,32 |
| Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso – Wilson Mosca | |

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.12.2013 a 31.01.2014, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Antonio José de Almeida, Antonio Silva Machado, José Fernandes da Silva, José Écio Pereira da Costa Junior e Vicente de Paulo Moraes. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP-Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Jurandy Amadi, Euclides Albino dos Santos, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Letterio Santoro e Paulo Oliveira Leite Gonçalves.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, Caixa Postal 71.509, Cep 05020-970, S.Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

- E-mail : echus@zipmail.com.br
- Blog do Ibaté: www.ibate-sp.blogspot.com
- E-mail do Blog do Ibaté: ibate.sp@gmail.com
- Palavra de Seminarista” (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
- Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
- Twitter Amigos do Ibaté: http://twitter.com/echusdoibate
- Comunidade IBATEANOS no Facebook
- Echus do Ibaté nas nuvens: links http://177.103.223.197/Edhusdoibate/

Diagramação: Conexão Propaganda
(11) 4063-9081

